

Identidade brasileira no diálogo entre Manuel Bandeira e Mário de Andrade

Nayamim Moscal

Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG

Manuel Bandeira ainda é um autor pouco trabalhado na historiografia brasileira. Mas ao seguirmos os vestígios deixados por pesquisadores de outras áreas, e também os deixados pelo próprio Bandeira, percebemos que o autor traz muitas possibilidades de análise para nós historiadores. Na tentativa de afirmar este autor como um intelectual importante para o pensamento social e cultural brasileiro é que propomos este trabalho. Os estudos de literatura apontam Bandeira como integrante do Movimento Modernista, porém ao tomarmos mais contato com o autor e sua produção podemos afirmar que Bandeira, apesar da proximidade e afinação de pensamento com alguns de seus articuladores, não se colocava como modernista. No entanto, a noção de brasilidade de Bandeira inevitavelmente perpassa o modernismo, e esta dicotomia do autor nos abre para a primeira questão deste trabalho: quais implicações essa proximidade/afastamento com o modernismo brasileiro traz para suas obras e sua concepção de identidade brasileira? Para podermos responder esta pergunta, antes precisamos deixar claro como entenderemos a noção de identidade aqui.

O debate sobre a questão das identidades na modernidade tardia é complexo porque, ao se partir de uma definição que na sua origem tem um uso ontológico, para empregos cada vez mais fluidos, sem contornos definidos, que vão do sociológico ao antropológico, do político ao cultural, do literário ao existencial, encontram-se problemas que se referem a visões essencialistas e até críticas que negam a possibilidade de se conceber a existência de uma identidade fixa. (FIGUEIREDO E NORONHA, 2010)

Esta complexidade apontada por Eurídice Figueiredo e Jovita Noronha é bastante clara logo que se inicia uma pretensão de estudos acerca de identidade. Muitos caminhos já foram traçados, e algumas definições são essenciais para que compreendam nossa linha de pensamento. Ao tratarmos de identidade, a entendemos,

Por uma série de mediações que permitem a invenção do que é comumente chamado de “alma nacional”, ou seja, parâmetros

simbólicos que funcionam como “provas” da existência desse Estado, e que determinam sua originalidade [...]

[...] Os integrantes de cada comunidade são convidados a neles se reconhecer e a eles aderir. (FIGUEIREDO E NORONHA, 2010)

Portanto, ao buscarmos na obra de Bandeira, e em seu diálogo com Mário de Andrade, uma noção de identidade brasileira, não o fazemos achando que encontraremos as definições ali postas, mas sim indícios, simbolismos que nos ajudem a encaixar sua obra em uma leitura de Brasil, importante para a contínua construção de nossa identidade nacional. Se a noção que Bandeira tem sobre a brasilidade passa pelo modernismo, antes de nos voltarmos para o diálogo entre os dois autores, exploraremos a relação de Bandeira com o Movimento Modernista e a modernidade a partir de suas crônicas, a fim de delinear a melhor.

Iniciemos com uma crônica sobre Le Corbusier, na qual Bandeira ressalta as qualidades modernas do arquiteto, tratando de uma conferência dada pelo mesmo. Bandeira começa descrevendo uma explicação sobre arquitetura desenvolvida na palestra, que fala da utilização de ferro e cimento armado nas construções, técnica esta símbolo da modernidade. Bandeira ainda faz uma crítica ao público presente que se riu de uma frase de Corbusier, segundo ele:

Porque no Brasil em matéria de arte há os que não sabem nada, não sentem nada e chamam futuristas os poemas de Ribeiro Couto, as músicas de Villa-Lobos e os desenhos do meu xará, e os modernistas brabos que pensam que *modernismo é gostar de máquinas e achar soneto cacete* (grifo meu). Esses naturalmente julgaram que Le Corbusier só podia debochar o sobradinho colonial. Ora, Le Corbusier é um modernista sensato. O verdadeiro modernista é o artista que assimilou a boa tradição e sentindo as necessidades de sua época inventa novas formas em correspondência com a vida de seu tempo. No passado ele admira e venera todas as expressões de arte bem condicionadas pela realidade que as suscitou. (BANDEIRA, 2008, p. 279)

Através deste trecho podemos analisar a posição de Bandeira diante do que é moderno/modernista. Quando fala dos “modernistas brabos” deixa claro que, para ele, ser modernista não é desprezar as formas já existentes ou simplesmente gostar das novas invenções, é necessário que haja um equilíbrio, pois o novo surgirá da necessidade do presente; e as experiências passadas não são somente jogadas fora, são absorvidas para que tenhamos a condição de perceber as novas demandas, deficiências e o que quer que seja. Bandeira ainda completa,

Como vêem, não basta repetir como papagaio ensinado a fórmula de Le Corbusier: A casa é uma máquina de morar. Como ele disse em sua conferência – quem mora na casa é o homem, e o homem dentro da casa pensa... (BANDEIRA, 2008, p.280).

Em outra crônica, na ocasião do lançamento do livro mais representativo de Graça Aranha, *Canaã* (que não obteve uma boa recepção por parte da crítica especializada), Bandeira afirma:

Uma cousa que achei engraçada em todo este tumulto literário foram as pancadas de sobra apanhadas pelos modernistas. O senhor Mário de Andrade e seus companheiros já foram acusados de ingratos, aproveitadores e não sei que mais. Por outro lado a revista do senhor Renato Almeida dá o senhor Graça Aranha como “orientador supremo” (*Movimento Brasileiro, nº 14*) da renovação espiritual do Brasil. Eis o que está mal contado. Orientador supremo de quem? Só se for do jovem Teixeira Soares.

[...] Graça Aranha captou a amizade dos rapazes com a sua inteligência, as suas maneiras, a sua alegria. Quando pensou que os tinha na mão deu o golpe da Academia. Surgiram então astais “fórmulas integrais” de que falou o Renato Almeida. Foi ali que se começou a ver as distâncias enormes que separavam o senhor Graça Aranha dos rapazes que fundaram a *Klaxon*. Ninguém, mas ninguém aceitou entregar-se no Todo infinito. Graça Aranha assumiu ares de orientador e condenou o primitivismo de Tarsila, a “incultura” de Oswald de Andrade, o baguncismo de uma porção. A frente única do modernismo sedesmantelou, muita gente achou que pena, eu não, que afinal essa história de grupo acaba sempre em veadagem. (BANDEIRA, 2008, p.335)

Aqui podemos ter um indício do por que Bandeira nunca se colocou como parte do grupo modernista, e sim como um observador próximo; vimos neste trecho que o autor se põe um pouco avesso à ideia de um grupo, e aqui nos lembramos da sentença de Arnaldo Saraiva, em estudo sobre o modernismo brasileiro e português, de que nenhum modernista foi puramente sempre. Sabemos que o modernismo não foi um movimento homogêneo, e segundo Bandeira, talvez o início das rupturas dentro da “frente única do modernismo” tenha se dado através de Graça Aranha.

Sobre o modernismo fora de São Paulo temos uma crônica dedicada a Carlos Drummond de Andrade, na ocasião do lançamento do seu primeiro livro *Alguma poesia*. A crônica data de 1930.

Carlos Drummond de Andrade levou sobre os seus companheiros de geração a vantagem de aparecer perfeitamente assentado e amadurecido. Se tivesse surgido em livro há oito anos atrás, já então andava empenhado na batalha modernista, apresentaria talvez as

incertezas, as facilidades que degeneram em cacoetes, enfim as presunções daquela idade ingrata, idade feliz, de transição.

[...] Os mineiros são, mais que outros nossos patricios, dotados daquelas qualidades de reflexão tarda, de atitude à parte, de desconfiança do entusiasmo, de gosto de segundas intenções, de pessimismo, elementos todos esses geradores de *humour*.

Aquele anjo torto que no nascimento do poeta falou “Carlos, vai ser *goche* na vida”, diz a mesma coisa a todo o mineiro da gema que nasce. [...] mineiro é songamonga. (BANDEIRA, 2006, p. 123, 124)

Bandeira coloca Drummond como o primeiro poeta tipicamente mineiro e primeiro grande humorista da nossa poesia. Podemos atribuir ao *humour* dos mineiros em geral (e de Drummond em particular), o modo deles de fazer o modernismo. A partir da leitura desta crônica podemos pensar em Drummond como um modernista mais consistente, amadurecido, resultado de sua reflexão tardia, de sua desconfiança, tipicamente mineiras. Podemos dizer que, para Bandeira, o modernismo de Drummond residia na sua sensibilidade e simplicidade de sua linguagem.

Também através das crônicas de Bandeira chegamos a escritores modernistas não tão conhecidos por nós hoje, como Augusto Frederico Schmidt, podendo perceber sutilmente com esse texto como Bandeira percebia o movimento, e também ter uma breve visão de como se encontrava a cena da poesia na época. Vejamos:

Já estava tardando um poeta que reagisse contra os processos e o estado de espírito da geração modernista. Alguém para quebrar os clichês gastos. É verdade que havia os continuadores de parnasianos e simbolistas. Esses, porém, não reagiam: repetiam apenas. Era preciso um poeta que tivesse passado pela experiência moderna, que a tivesse assimilado e, portanto, embora diferenciando-se dela, afastando-se dela, soubesse aproveitar-lhe as lições. É o que entre nós se dá agora pela primeira vez com a afirmação poética de Augusto Frederico Schmidt. (BANDEIRA, 2006, p. 127)

A leitura de Bandeira sobre este poeta nos mostra que o autor estava preocupado também com a renovação do próprio modernismo, ficando assim evidente a sensibilidade do autor da crônica, como homem de seu tempo, percebendo as demandas da época, a necessidade da mudança que os anos trazem, assim como foi no início do modernismo, desde fins do XIX.

Agora sobre Mário de Andrade, várias são as crônicas, e de longe, é o modernista mais próximo a Bandeira. A relação entre os dois escritores era repleta de divergências, como vemos abaixo:

O meu primeiro contacto com o poeta de *Paulicéia desvairada* declanchou em mim um movimento de repulsão: achei detestável o seu primeiro livro (*Há uma gota de sangue em cada poema*). Somente, achando aquela poesia ruim, notei que era um ruim muito diverso dos outros ruins: era um ruim esquisito. Mas não tive esperanças. É que já tinha tido a decepção de outros ruins esquisitos. *Paulicéia desvairada* veio mostrar que daquela vez eu me enganara. Aquele ruim esquisito era do legítimo, isto é, significava uma força e um talento ainda nos limbos do desconforme.

[...] Mais uma lição que nos dá o poeta! Porque ele nos tem dado tantas: salvo talvez o Oswald de Andrade, que com ele são os dois temperamentos poéticos mais originais, as duas personalidades mais marcadas que possuímos, não há poeta modernista, grande ou pequeno, que não lhe deva alguma coisa. Os grandes fizeram estrada real no rastro deste abridor de picadas. (BANDEIRA, 2006, p. 135/137)

Ao ler este trecho da crônica publicada em 1931, no *Diário Nacional*, percebemos que o grande nome do modernismo na visão de Bandeira foi Mário de Andrade. Os dois escritores tinham grande intimidade. Através da leitura das crônicas percebemos que Bandeira não se apega apenas a um estilo literário, apreciando em cada poeta o que nele há de melhor; e podemos afirmar que ele vê em Andrade uma originalidade modernista não existente em outros poetas (talvez em Oswald de Andrade). Bandeira reconhece o modernismo em Andrade.

Mônica Pimenta Velloso, em seu texto *O Modernismo e a Questão Nacional*, afirma a impossibilidade de pensar o movimento modernista brasileiro sem inseri-lo na questão maior da modernidade como fenômeno cultural amplo. Apesar dos recursos metodológicos como analisar separadamente, a intelectualidade ou as artes de uma época, e os elementos que ajudaram a construí-lo? É a experiência da modernidade que vai sugerir a necessidade da mudança nos padrões estéticos, e alguns elementos já se faziam presentes no século XIX. Manuel Bandeira, por exemplo, nasce em 1886, presenciando o desaparecimento de elementos do Brasil Império e o surgimento da República. É esta experiência que pautará a agenda literária.

Em sua *Noção de História das Literaturas*, Bandeira, quando em sua breve explicação sobre o modernismo brasileiro, afirma que o movimento foi,

A princípio destrutivo e bem caracterizado pela novidade da forma, assumiu mais tarde cor acentuadamente nacional, buscando interpretar artisticamente o presente e o passado brasileiros.

Se assim se pode, em linhas muito gerais, definir o movimento – convém no entanto assinalar certas particularidades que desde cedo o dividiram em várias correntes. (BANDEIRA, 1960, p. 510)

A nacionalidade foi um dos combustíveis do modernismo brasileiro. Segundo Bandeira (1960) a grande questão do modernismo para Mário de Andrade era “abrasileirar o brasileiro num sentido total, patriarizar a pátria ainda tão despatrializada”. É certo que a participação de Bandeira não foi para o modernismo, enquanto movimento organizado, tal qual a de Mário de Andrade. Podemos perceber nesta afirmação de Antônio Saraiva, em uma passagem sobre a relação do movimento com a nacionalidade, comparando o modernismo brasileiro e português:

Mas não admira: os portugueses não tinham que lutar contra a tutela cultural brasileira [...]; e não se debatiam com problemas de nacionalismo literário, que preocupavam muitos modernistas brasileiros – embora também houvesse os que, como Manuel Bandeira, poderiam declarar: “aborreço os poetas que se lembram da nacionalidade quando fazem versos”. (SARAIVA, 2004, p. 258)

Como dissemos anteriormente, Bandeira era um homem de seu tempo, atento à dinâmica apresentada por ele, e apesar de dizer-se aborrecido com a nacionalidade nos versos de alguns poetas podemos dizer que sua produção aborda a brasilidade de forma discreta. Arriscamos dizer que Bandeira foi moderno, porém não modernista.

Eduardo Jardim de Moraes nos aponta, assim como Manuel Bandeira, que a preocupação nacionalista não está presente desde o início, para o autor ela aparece como “o ponto de chegada de uma linha de indagações”, com isso ela seria a própria modernidade para o caso brasileiro. Ele afirma

A brasilidade, com tudo o que ela implica de dimensionamento da proposta modernista e até de redefinição daquilo que se entende como sendo moderno, só constituiu uma indagação para os modernistas no desdobramento de sua discussão sobre a modernidade. (MORAES, 1988, p.22)

A modernidade e a brasilidade a partir das correspondências

As possibilidades de pesquisa apresentadas pela correspondência trocada por Mário de Andrade e Manuel Bandeira são muito ricas. Aqui aproveitaremos apenas uma pequeníssima porcentagem deste potencial para ilustrar alguns aspectos já apontados anteriormente.

Podemos iniciar com carta de Andrade, na qual ele fala sobre os comentários que aproximam sua obra às de poetas da vanguarda europeia: “É verdade que movo como eles as mesmas águas da modernidade. Isso não é imitar; é seguir o espírito de uma época.” (MORAES, 2001, p.62). Ao que o amigo responde,

[...] Você é imitador deles como todo poeta que escreve em metro regular é imitador de todos os poetas que o precederam e que foram por ele assimilados. Um poeta realmente digno desse nome implica em matéria de sensibilidade e de técnica a assimilação de todo o passado e, a mais, alguma coisa que balbucia – e é a contribuição ingênua do poeta. (MORAES, 2001, p. 65)

Observamos, a partir da resposta de Bandeira, que as críticas de que os modernistas brasileiros apenas copiavam as vanguardas europeias eram infundadas. O poeta percebia que no modernismo brasileiro os elementos das vanguardas eram assimilados e trazidos para nossa realidade.

A troca de elogios era freqüente nas cartas, a admiração entre os dois escritores era grande. Em carta Bandeira afirma

“Ora, desde aquela noite em que nos avistamos em casa de Ronald, tive fé em ti como cabeça e como coração. Tu és já uma esplêndida realidade para mim. Mas que direis das esperanças que me inspiras? Porque és esta coisa extraordinária no Brasil: um poeta com grande força intuitiva, com sólida cultura e com alta moralidade. Tens aquela profundidade de sentimento que faltou a todos os nossos poetas, salvo talvez Cruz e Sousa. É entre nós o único temperamento integralmente e harmoniosamente moderno. Todos nós outros somos mais ou menos adesistas; assimilamos o pensamento e a técnica moderna, e artistas que sobretudo somos, demos à nossa arte mais essa maneira de ser. Tu, não. O verso livre moderno é o teu único instrumento de expressão como poeta. Creio firmemente que estás vivendo a época da tua alma. Eis porque deposito tanta fé em ti. (MORAES, 2001, p.94)

Neste trecho, acreditamos que é possível perceber Bandeira enquanto sujeito histórico consciente, pois sabe que a modernidade é presente e não à frente de seu tempo. Interessante também para os que estudam o modernismo nos tempos de hoje, é a afirmação de Bandeira que diz: “A arte moderna é profundamente intelectual e precisa ser explicada” (MORAES, 2001, p.81).

Quando do lançamento do Manifesto Pau-Brasil de Oswald de Andrade, Bandeira publica crônica criticando o texto, ao que recebe carta de Andrade, que não compreendia a posição do amigo. Na resposta, Bandeira se justifica, dizendo se valer da ironia, afirma ainda: “Com relação a Oswald destaquei maliciosamente

certas inconseqüências e rebati a estreiteza daquele conceito nacionalista. De resto é minha convicção de que somos irremediavelmente brasileiros” (MORAES, 2001, p.118). Aqui podemos ver que, apesar de divergir de alguns integrantes do movimento, o autor compreende que a brasilidade está presente na época, irremediavelmente ela faz parte da modernidade.

Em uma época de efervescidos diálogos sobre a cultura brasileira, a produção de Bandeira (seja em poesia ou prosa) nos permite enxergar alguns aspectos importantes deste período da história do nosso país, assim como ver também a importância que o poeta e cronista, teve em nossa cultura.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BANDEIRA, Manuel. *Crônicas da província do Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

_____. *Crônicas inéditas I: 1920-1931*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice; NORONHA, Jovita Maria Gerheim. *Indentidade Nacional e Identidade Cultural*. In: _____. *Conceitos de literatura e cultura*. Niterói: EdUFF, 2010.

MORAES, Eduardo Jardim de. *Modernismo revisitado*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988. p. 222-238.

MORAES, Marcos Antonio de (organização, introdução e notas). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2001.

VELLOSO, Mônica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.